

A ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS RURAIS MULTISSERIADAS EM FRANCISCO BELTRÃO - PR: 1948– 1981

Carla Cattelan

Professora colaboradora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNOESTE e Mestre em educação pela mesma instituição. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

E-mail: carla.ccattelan@gmail.com

Resumo: O presente estudo é parte integrante da pesquisa de Mestrado em Educação, defendida em 2014 pela UNOESTE – Campus de Francisco Beltrão. Este recorte da pesquisa tem por objetivo compreender a organização das escolas primárias rurais multisseriadas em Francisco Beltrão entre os anos de 1948 e 1981, considerando o trabalho realizado nas mesmas em suas diferentes formas. As escolas organizadas de forma multisseriadas e unidocentes, ou seja, que possuíam apenas uma sala de aula com um único professor para o atendimento de turmas de 1ª a 4ª, se constituíram no município como forma mais viável para se chegar à educação primária as comunidades mais isoladas. Desta forma, na maioria das vezes quem lecionava nestas escolas era um morador da comunidade, leigo e que havia estudado na maioria das vezes até a 4ª série. Este era escolhido pelos demais membros da comunidade, atribuindo-lhe a responsabilidade educacional. Na ausência de uma pessoa apta na comunidade, este professor vinha de outras comunidades ou até municípios, e o município construía casa anexa à escola para sua morada. Quanto ao trabalho desenvolvido nas escolas multisseriadas, além do atendimento didático-pedagógico feito pelo professor à classe, também competia a este, a responsabilidade sobre o trabalho administrativo: de matrícula e organização burocrática da vida escolar; também estava sob sua responsabilidade o trabalho na cozinha: fazer a merenda; e os serviços gerais: que se caracterizavam pela limpeza geral do prédio e do pátio. Desta forma, o estudo tem como apontamentos, que o trabalho desenvolvido pelos professores nas escolas multisseriadas rurais não era apenas pedagógico, mas burocrático/administrativo e de serviços gerais, compreendendo de forma totalizante a escola em sua função e necessidades. Atualmente, não existem mais escolas primárias no município de Francisco Beltrão no formato multisseriado e unidocente. A partir da década de 1981, quando o município assume formalmente a responsabilidade pelas mesmas, estas passaram pelo processo de nuclearização, ou seja, foram reunidas em núcleos seriados (em um único estabelecimento de ensino). Para tanto, a pesquisa esta articulada metodologicamente por meio de análise de documentos da época, relatos orais dos professores, dados históricos e bibliografias.

Palavras-chave: Francisco Beltrão, CANGO, escolas multisseriadas rurais, merenda escolar, matrícula escolar e serviços gerais.

Introdução

O texto tem por objetivo discutir a organização das primeiras escolas multisseriadas rurais, em Vila Marrecas e Francisco Beltrão¹ no Sudoeste do Paraná. Possui como recorte histórico o ano de 1948 que marca o ano de instalação da Colônia Agrícola Nacional General Osório – CANGO e a década de 1981, onde o município de Francisco Beltrão assume formalmente a tutela e responsabilidade sobre as escolas rurais. Cabe salientar que esta

¹ Vila Marrecas se emancipou do Município de Clevelândia em 14/12/1952, tornando-se município de Francisco Beltrão.

responsabilidade já havia sido assumida desde 1952 quando tornou-se município, porém, não formalmente.

A CANGO teve significativa contribuição para a manutenção e difusão do ensino primário rural e conseguinte a construção física das escolas rurais em Francisco Beltrão. Segundo Cattelan (2014) ao final do ano de 1957 a CANGO havia construído ao todo 27 escolas rurais multisseriadas espalhadas por todo o Sudoeste do Paraná, com significativo número em Francisco Beltrão.

Conforme Cattelan (2014) com a emancipação e elevação a Município, Francisco Beltrão, já em 1952 passa a construir e manter algumas escolas rurais multisseriadas, organizando a educação paralela a CANGO. Ao final de 1957, com a extinção da CANGO, o município passa a manter as 27 escolas construídas pela colônia e ao todo possui 59 escolas primárias rurais em pleno funcionamento.

O texto está organizado em: primeiramente discutir como era feita a matrícula escolar nas escolas rurais multisseriadas, e posteriormente o papel do professor (unidocente) enquanto administração, merenda e limpeza das escolas. Assim, metodologicamente o texto está articulado mediante dados e documentos da época, bem como entrevistas com professores e referenciais bibliográficos.

Instalação das escolas multisseriadas rurais e a Matrícula escolar

Como a população era crescente no final da década de 1940 e início de 1950, a demanda educacional também aumentava no decorrer dos meses. A CANGO utilizava da prática da comunidade solicitar a construção e instalação de escolas primárias, desde que tivesse demanda e a população da comunidade estivesse organizada. A comunidade, então, foi responsável por fazer levantamento dos alunos existentes e cadastrá-los.

As listas eram organizadas com o nome da família e quantos filhos possuíam para solicitar a abertura de uma escola no local. O documento nº 01 caracteriza como era feito este levantamento da demanda educacional na Colônia. Geralmente feito a punho pelo professor indicado ou por um integrante da comunidade e enviado a CANGO.

Foi possível ainda, observar pela análise das listas disponíveis, que estas apresentavam características semelhantes, como as vistas no documento nº 01. Basicamente contém a quantidade de crianças com seus respectivos nomes, idades e sexos, justificando a demanda da comunidade para a abertura da escola. Além dos dados dos

alunos a lista trazia o nome do pai como respectivo responsável pela criança. Abaixo a comunidade indicava a localização da escola e a necessidade de construção da mesma. No documento, a comunidade poderia indicar o nome do professor ou professora.

Documento nº 01: Lista de crianças para abertura de uma escola rural encaminhada para a CANGO – 1950

RELAÇÃO DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR NA "COSTA DO RIO SANTA ROSA"

NÚMERO	NOME DA CRIANÇA	NACIONALIDADE	IDADE	SEXO	NOME DO PAI
1	Ceni Cena Tavares	brasileira	13 anos	fem.	Lindolfo Joao Tavares
2	Jandira Tavares	"	11 "	"	" " "
3	Dejanira Maria Tavares	"	9 "	"	" " "
4	Onira da Silveira	"	13 "	"	Miguel Bento da Silveira
5	Reinel da Silveira	"	11 "	masc.	" " "
6	Silvo da Silveira	"	9 "	"	" " "
7	Pracilina da Silveira	"	7 "	femin.	" " "
8	Eva Doroti de Lima	"	11 "	"	Laudelino Mamede de Lima
9	Adão Alceri de Lima	"	9 "	masc.	" " "
10	Martim Bento da Silveira Neto	"	10 "	"	Pedro Bento da Silveira
11	Valira Bento da Silveira	"	8 "	femin.	" " "
12	Onira " "	"	7 "	"	" " "
13	Olandolina Gabriel dos Santos	"	12 "	"	João Francisco Dias
14	Sebastião Francisco Dias	"	13 "	masc.	" " "
15	Lauro Antonio da Silva Faria	"	14 "	"	Antonio Sergio de Faria
16	Francisco Antonio da Silva Faria	"	11 "	"	" " "
17	Olivia Maria da Silva Faria	"	10 "	femin.	" " "
18	Artidor Antonio da Silva Faria	"	9 "	masc.	" " "
19	Alvina Maria da Silva Faria	"	7 "	femin.	" " "
20	Adão Luiz Correia de Carvalho	"	7 "	masc.	João Francisco Correia de Carvalho
21	Marli Térésinha Soares	"	7 "	femin.	Alfredo Soares
22	Emone Antônio Stopassoli	"	12 "	masc.	Luiz Stopassoli
23	Valdir Stopassoli	"	7 "	"	" " "
24	Daniel Iess	"	9 "	"	Paulo Paitac Iess
25	Elena Iess	"	7 "	femin.	" " "
26	Cristina Richtheik	"	9 "	"	Antonio Richtheik
27	Onofre " "	"	7 "	masc.	" " "
28	Antonio Biesseqi	"	13 "	"	João Biesseqi
29	José " "	"	10 "	"	" " "
30	Mercedes " "	"	8 "	femin.	" " "
31	Maria " "	"	7 "	"	" " "

*- fica na estrada para Catagipe -
Lindolfo Joao Tavares -
necessita de casa - a professora poderá ser a D.ª*

Fonte: Acervo memorial Histórico de Francisco Beltrão.

O professor Felix enfatizou que depois que a escola era instalada todo o processo de matrícula e rematricula era de responsabilidade dos professores.

Era tudo, tudo a gente que fazia, matrículas, tudo, tudo. Tinha, aquele tempo tinha se chamava. [...] Não era a APM da escola [...], que era como hoje essa APM, que formava uma diretoria também, eu não lembro [...] Então eles eram prestativos, toda semana eles vinham lá trazer, o presidente chegava: -

Tá faltando alguma coisa? Tudo assim, eles observavam e cuidavam muito da vida da escola também (PADILHA, 2013).

Nas escolas mantidas pelo município, a partir de 1952, adotou-se a mesma prática das escolas mantidas pela CANGO. Os professores que faziam a matrícula, geralmente utilizando-se das celebrações nas igrejas para dar os avisos, ou percorrendo as famílias para que nenhum aluno fosse deixado sem matricular. Irene Vacari Vieira destacou como eram feitas:

[...] chegava o final do ano, quando encerrava o ano letivo a gente já marcava. Então eu ficava por exemplo dois dias ou três lá depois que tinha encerrado as aulas, fazendo matrículas. Então os pais vinham. Daí já era todas as famílias que tinham os alunos e tem os outros que iam chegando na idade certa, a gente já fazia a matrícula delas lá também, e, daí as outras famílias que moravam ali ao redor, quando a gente avisava que era matrícula, todo mundo já ficava sabendo, então aqueles que não tinham seus filhos na escola, também já procuravam neste período, não ficava ninguém fora da escola. Então todos eles, desde a idade já vinham para escola, os pais procuravam matricular e era a gente mesmo que fazia lá, era nós os professores. A gente na verdade só trazia para a Secretária de Educação, então por bimestre, que a gente fazia as avaliações, com as notas numa ficha que a gente preenchia a gente trazia para a Secretária de Educação. E no final do ano também trazia esta ficha com os aprovados, os reprovados, e tudo já das matrícula do ano seguinte (VIEIRA, 2013).

A professora Terezinha Dopfer contou que visitava as famílias para averiguar as crianças que estavam em idade escolar e os pais que precisavam matricular seus filhos, orientando quanto à série que deveriam frequentar. A prefeitura orientou a matrícula de crianças a partir dos 7 (sete) anos como sendo obrigatória. Luiz Bedin acrescentou que fazia a matrícula na própria escola e que [...] *no encerramento das aulas a gente convidava os pais para o encerramento e daí já aproveitava e fazia a matrícula do ano seguinte (BEDIN, 2013).*

À nível estadual, segundo o relatório de 1968, o Estado do Paraná construiu 2.862 novas salas de aula, nomeou 3.600 novos professores e faziam avaliações quanto as mudanças introduzidas no curso primário da extensão do ensino para mais duas séries anuais, além das quatro já estabelecidas. Dentre os dados apresentados é possível observar um grande aumento do número de crianças com matrículas na 1ª série, porém as que chegavam na 5ª série representavam um número bem reduzido, correspondendo a 4% do total de alunos matriculados, como fica expresso no quadro abaixo.

Quadro nº 01: Dados sobre a escola primária no Paraná em 1968.

Série	Capital	%	Interior	%	Total	%
1ª	22.840	31	352.955	47	375.795	46
2ª	15.262	20	152.028	21	167.210	21
3ª	14.803	20	116.964	16	131.767	16
4ª	14.869	20	77.573	10	92.442	11
5ª	7.096	9	23.449	03	30.545	04
6ª (sem inf.)	-	-	-	-	-	-

Fonte: PARANÁ, 1968, p. 92.

Pelo quadro foi possível perceber uma situação que não fugia da realidade nacional e local na qual havia uma,

[...] grande concentração de crianças na 1ª série, decrescendo a medida que avança as séries. A pouca frequência de crianças na 5ª série é devido ao ingresso diretamente na 4ª série do curso ginásial, enquanto que, o aumento da matrícula na 1ª série se deve, em parte, ao ingresso de crianças com seis anos de idade, dentro da nova sistemática que aumenta as séries de quatro para seis (PARANÁ, 1968, p. 92).

Conforme os professores relataram, as matrículas e o levantamento dos alunos em idade escolar eram feito por eles, todos os anos. O vínculo com a igreja permitia que toda a comunidade ficasse sabendo dos dias e horários da matrícula, bem como o início das atividades na escola. O quadro a seguir apresenta a quantidade de alunos matriculados entre os anos de 1951 – 1986 nas escolas mantidas pelo município e nas escolas mantidas pela CANGO.

Quadro nº 02: Quantidade de alunos matriculados na CANGO e no município: 1951 – 1986

Ano	Nº de alunos
1951 - CANGO	461
1954 - Município	1.400
1955 - Município	1.440
1957 – CANGO	1.010
1959 - Município	2.535
1968 - Município	2.939
1969 – Município	7.214* – urbanos: 3.513 rurais: 3.380

1986 - Município	7.080**
------------------	---------

Fonte: A partir dos Relatórios de Ensino da CANGO, 1951 e 1957.

Jornal Tribuna do Sudoeste, 1968 e 1969.

Martins, 1986, p. 55

Atos Oficiais nº 01

*Contando as escolas particulares

** Não contando escolas particulares

Os dados revelam um número elevado de matrículas escolares entre os anos de 1951 e 1986, tanto pelo município de Francisco Beltrão como pela Colônia Agrícola. Porém, ainda haviam crianças em idade escolar, não frequentando a escola.

Merenda Escolar, limpeza e organização da escola

A merenda escolar nem sempre foi disponibilizada e forma gratuita aos alunos das escolas rurais multisseriadas. A professora Italina relembrou que em 1948, quando começou a lecionar na CANGO, o lanche [...] *eles traziam, cada um trazia de casa, um pedaço de pão, um pãozinho, o que podia. Muitas vezes eu pedia ou trazia por conta. Então quem às vezes não tinha em casa outros davam, repartiam* (SCOTTI, 2013).

Com o passar dos anos a CANGO passou a ofertar parte da merenda escolar, conforme relatou o professor Félix,

[...] também vinha o boletim da merenda, que a merenda na época, era assim, era só aquele leite em pó de soja, que eles importavam dos Estados Unidos ainda, que a gente fazia [...], era a CANGO que distribuía, mas a gente tinha que fazer, a escola, então... Era leite em pó, só que era de soja. As crianças não gostavam muito porque eles até traziam de casa uma batatinha assada, um pedaço de pão com mel, com queijo, daí eles misturavam com aquele leite, no fim eles acostumavam, tomavam um pouco, mas não era muito não (PADILHA, 2013).

O leite de soja era ofertado pela Colônia às escolas por ela mantida. Os alunos nem sempre gostavam do leite, como retratou o professor Félix, mas sempre fazia uma forcinha para os alunos tomarem. O professor também fazia boletins, juntamente com os resumos mensais, descrevendo a quantidade de leite utilizada e quantos alunos foram contemplados com a merenda.

Não, vinha em pacotes, pacotinhos, tipo assim um pacote de dois quilos, daí você lá fazia a medida certa, daí você sabia quantos tomavam a merenda, quantos não tomavam. Tinha que fechar o mês também certinho, eu gastei X de pó de leite e tinha que comprovar que foram X de alunos que tomaram então era muito cuidado assim, nossa a gente tinha um cuidado pra fazer isso. A cada fim de mês, por exemplo, a gente vinha receber, trazia todo aquele movimento, chegava e explicava (PADILHA, 2013).

O professor Félix ainda destacou que ouvia dizer que o leite de soja disponibilizado pela Colônia era importado dos Estados Unidos.

Diziam que vinha dos Estados Unidos. Eu creio que sim, porque eu não tinha lembrança assim de ter no Brasil, não se falava em soja ainda naquela época. A soja apareceu, muito, muito depois mais, hoje o Brasil é um grande exportador de soja (PADILHA, 2013).

Talvez a influência dos Estados Unidos, bem como, de outras empresas nortes americanas, contribuíram para se pensar na educação rural que aqui estava se desenvolvendo, mantidas pela Colônia. Nenhum registro sobre o leite de soja foi encontrado no acervo da CANGO, embora, foi possível pensar que este leite, não foi comprado nas regiões vizinhas e sim importado de algum país que tivesse uma alta produção de soja, bem como uma indústria específica para a fabricação a sua fabricação.

As escolas do município de Francisco Beltrão, a partir de 1952, também recebiam merenda escolar. Com o tempo as merendas foram padronizadas, geralmente classificadas em não perecíveis, pois existiam muitas escolas sem um lugar adequado para guardá-las, pois nem acesso a luz elétrica as escolas tinham. E também pelo tempo de consumo, geralmente a merenda era distribuída mensalmente ou a cada dois meses, pois as escolas se encontravam a grandes distâncias da sede do município.

Em relato, a professora Irene contou como era a organização do professor quanto à merenda escolar e as demais funções desenvolvidas na escola.

Naquele tempo a professora fazia tudo, ela fazia merenda, a gente fazia a merenda na escola, a merenda assim era [...], a escola como era muito pobre também naquele tempo a gente não, quando eu cheguei lá não tinha fogão não tinha nada na escola, é, tinha uma parte um quartinho que era para ter a cozinha, e o que a gente fez comprou primeiro então um “liquinho”, aquele liquinho que usavam, aquele pequenininho, nem sei como a gente diz, mas aquele só uma boca e tinha uma panela então a gente fazia, tempo que vinha o leite, a gente fazia o leite para eles toma, e outras vezes fazia sopa, aí colocava os legumes e também vinha e depois começou a vir assim uma sopa pronta que a gente fazia também. Então era aquela correria, você entrava na sala, dava atividade para as

crianças e tudo, voltava correndo lá dava uma olhadinha na sopa se não estava queimando lá e tal (VIEIRA, 2013).

Pelo relatado da professora Irene fica evidente que os professores preparavam a merenda enquanto davam aula. Pois não havia outra pessoa que fizesse este trabalho, bem como as funções gerais da escola. Com o passar dos anos e o apoio efetivo do município quanto à educação primária, a questão da merenda foi resolvida e melhorada.

Na mesma perspectiva da merenda escolar, a limpeza e organização da escola também dependiam dos serviços dos professores. Quanto à questão de limpeza, o professor Félix explicou como distribuía o serviço da limpeza e organização na escola onde lecionava.

[...] a gente tinha aula no sábado antes do meio dia, dai a gente dava aula até a hora do recreio, depois nos fazíamos a limpeza e eles faziam com tanto gosto sabe, você dizia: - Vamos varrer o pátio. Então achava as vassouras no mato, tinha umas vassouras perto lá, dai eles cortavam e uma turma varria e uns maiores e as meninas maiores vinham esfregar a sala de aula, era de tábuas brutas ainda, mas elas esfregavam tanto que no fim deixavam branquinho. Quando chegou o fim do ano, sai de lá estava lisinha aquelas madeiras de tanto elas esfregarem, as carteiras também. E eu orientava eles que eu queria fazer concurso de quem teria no final do ano a carteira mais limpa, então cada um cuidava, eles traziam até uma lixinha de casa e lixavam a carteira, se derramava um pingüinho de tinta eles limpavam. (PADILHA, 2013).

Os alunos também ajudavam nos afazeres da escola, principalmente quanto à limpeza e organização, conforme a professora Italina destacou.

Eles faziam limpeza. Eles ajudavam quando viam que não tinha outra. - Não podemos dar uma mão? - Pode, por que não? Eu agradecia e tudo. Imagina só se a gente não precisava de uma pessoa que vinha se oferecer. Fazer isso todo dia não é tudo que fazem isso, e teve umas quantas que fez isso, faziam, pediam pra ajudar, daí a gente mandava, faça isso, faça aquilo, que tá bom, todo dia vocês dão uma mão aqui outra ali ou lá, já é uma boa, mas foi uma beleza (SCOTTI, 2013).

É certo que os serviços de limpeza e organização do espaço escolar, se constituíam também, em momentos educativos, visto que o trabalho é um dos principais elementos socializante e necessário para que a educação de fato se efetive. Além disso, as crianças na época realizavam os serviços caseiros desde cedo, ou seja, eram acostumadas a fazer em casa. Para os alunos, provavelmente, a atividade se constituía em

momento de recreação. Essa característica do trabalho praticado pelos alunos em prol da sua escola apareceu em praticamente todos os relatos orais feitos com os professores da época. Não havia uma discriminação entre meninos e meninas, todos ajudavam.

Luiz Bedin destacou [...] *na limpeza a gente tirava um ou dois alunos [...] nós mesmos fazíamos a limpeza da escola*. A professora Irene ainda pontuou que “os alunos ajudavam na limpeza na sala também eram os professores e os alunos a gente faziam tudo junto, que não tinha outra pessoa” (VIEIRA, 2013).

Ressalto que esta prática era desenvolvida nas escolas rurais multisseriadas primárias, visto que, os professores precisavam distribuir e organizar os trabalhos escolares, ou seja, ao mesmo tempo em que deveriam dar conta dos conteúdos organizados para cada série, também deveriam realizar as funções básicas como: a merenda escolar e a limpeza da escola. Com o processo de nuclearização das escolas multisseriadas, esta prática foi extinta, já que as funções dentro da escola foram separadas e hierarquizadas, sendo o professor responsável apenas pelo trabalho em sala de aula, ficando as funções de secretaria, merenda e limpeza a cargo de outros funcionários.

Dentre todas as funções na escola citadas anteriormente ainda, o professor (a) era compreendido dentre outras funções na comunidade, como as destacadas pela professora Irene Vieira,

[...] eu fui professora, catequista, médica, dentista... eles tinham dentes para arrancar, a mãe não podia, a professora arrancava. E cabeleireira ainda, cortar o cabelo dos alunos e matar os piolhos. E se machucavam a gente tinha que fazer curativo (VIEIRA, 2013).

Fica evidente que os professores das escolas rurais fizeram bem mais que um trabalho pedagógico nas escolas em que lecionaram, pois exerceram funções que não haviam sido contratados para tal. Nas entrevistas deixaram transparecer que desempenhavam o trabalho com vontade e gosto, visto a escola como presença concreta em suas vidas.

Considerações

Mediante as discussões promovidas por este fragmento foi possível perceber que nas escolas rurais multisseriadas e unidocentes o trabalho burocrático/administrativo, pedagógico e de serviços gerais eram desenvolvidos exclusivamente pelo professor, como único responsável por aquela instituição. Neste emaranhado de funções

a ele estabelecidas, organizava a escola sem esquecer sua função primordial: o ensino.

Em meio ao trabalho pedagógico desenvolvido, geralmente em dois turnos pela grande quantidade de alunos, o mesmo mesclava os trabalhos administrativos de matrícula, os trabalhos referentes à preparação da merenda e a limpeza da escola. Desta forma o trabalho do professor ia além do trabalho pedagógico, e era compreendido de forma total, a reconhecer propriamente as funções e organização da escola.

Foi por meio da organização das escolas em multisseriadas e unidocentes que o município conseguiu atender boa parcela da população rural entre a década de 1940 e 1980 em Francisco Beltrão, no que diz respeito à educação primária. Atualmente, não existem mais escolas multisseriadas e unidocentes em Francisco Beltrão. A partir da década de 1980, as escolas multisseriadas passaram pelo processo de nuclearização, ou seja, foram reunidas em núcleos, onde passaram a atender de forma seriada.

Referências

CANGO. **Relatório do Ensino Primário**. Ministério da Agricultura. Marrecas, 15 de janeiro de 1951.

JORNAL TRIBUNA DO SUDOESTE. **ACARPA Realizou Entrevistas**. Ano I, nº 07, 30 de março de 1968, Francisco Beltrão, 1968.

_____. **Administração Cantelmo**. Edição Especial, 31 de janeiro de 1969. Francisco Beltrão, Ano I, p. 01 – 13. Arquivo Biblioteca Pública Francisco Beltrão.

_____. **Levantamento Complementar da Educação Primária**. Ano I, nº 13, 11 de maio de 1968, Francisco Beltrão, 1968.

PARANÁ. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado. Por ocasião da abertura da 2ª sessão ordinária da 6ª legislatura. **Governador Paulo Cruz Pimentel**. Curitiba – Paraná, 1968.

MARTINS, Rubens S. **Entre Jagunços e Posseiros**. 1ª ed. Curitiba: 1986.

Entrevistas

BEDIN, Luiz. Francisco Beltrão, **entrevista concedida no dia**: 30 de Junho de 2013 á Carla Cattelan.

DOPFER, Terezinha. Francisco Beltrão, **entrevista concedida no dia**: 17 de maio de 2013 á Carla Cattelan.

PADILHA, Félix. Francisco Beltrão, **entrevista concedida no dia:** 19 de novembro de 2013 à Carla Cattelan.

SCOTTI, Italina, Z. Francisco Beltrão, **entrevista concedida no dia:** 10 de junho de 2013 à Carla Cattelan.

VIEIRA, Irene Vacari de Souza. Francisco Beltrão, **entrevista concedida no dia:** 19 de setembro de 2013 à Carla Cattelan.